



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Cristiane Fátima Dias de Jesus

**Da deficiência à diferença: um percurso necessário à subjetivação
da criança cega**

Rio de Janeiro

2011

Cristiane Fátima Dias de Jesus

Da deficiência à diferença: um percurso necessário à subjetivação da criança cega

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Plastino

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBC

J58 Jesus, Cristiane Fátima Dias de. Da deficiência à diferença: um percurso necessário à subjetivação da criança cega / Cristiane Fátima Dias de Jesus. – 2011.
194f.
Orientador: Carlos Alberto Plastino. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.
1. Crianças deficientes visuais - Aspectos psicológicos – Teses. 2. Cegueira – Teses. 3. Subjetividade – Teses. 4. Psicologia diferencial – Teses. I. Plastino, Carlos Alberto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III Título.
CDU 159.922.7-056.262

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Cristiane Fátima Dias de Jesus

**Da deficiência à diferença: um percurso necessário à subjetivação da criança
cega**

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 25 de Março de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alberto Plastino (Orientador)

Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof.^a Dra. Jane Russo

Instituto de Medicina Social - UERJ

Prof.^a Dra. Maria Elizabeth Ribeiro dos Santos

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof.^a Dra. Lia Pellini

Santa Casa da Misericórdia

Dr. Carlos Melo

Doutor em Saúde Coletiva

Rio de Janeiro

2011

AGRADECIMENTOS

À Carlos Alberto Plastino, pela presença serena e,
segura que tanto me ajudou neste caminho,

Aos mestres do IMS pela sua valorosa contribuição
durante as aulas,

À Sílvia, Simone e Eliete pelas valiosas informações
prestadas na secretaria e também pelo bom humor e
competência com que sempre me atenderam,

Ao CNPq por me permitir realizar este trabalho,

Aos meus pais, que são um porto seguro em
todos os momentos,

Às minhas amigas pelo carinho nos momentos
mais difíceis,

À Quentin por seu apoio e infinita paciência
com meus longos momentos de ausência.

RESUMO

JESUS, Cristiane Fátima Dias de. *Da deficiência à diferença: um percurso necessário à subjetivação da criança cega*. 2011. 194 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

As reflexões acerca desta pesquisa iniciaram-se tendo como ponto de partida o interesse pelas questões relacionadas às experiências mais primitivas que estão na base da constituição da subjetividade. Pensa-se, tal como alguns autores, que as vivências iniciais de um bebê são bastante importantes para a formação de seu aparato psíquico, sobretudo, as que dizem respeito ao conjunto de sensações nas quais o mesmo está imerso. Mas, então, o que se passa quando o bebê nasce com alguma deficiência em seu aparato sensorio-motor, como no caso de bebês cegos de nascença? Sabe-se que as pessoas cegas precisam utilizar outros meios para estabelecer relações com o mundo dos objetos, pessoas e coisas que as cercam, implicando um processo de profunda reorganização perceptiva no qual os estímulos proporcionados pelo ambiente desempenharão um papel fundamental. No entanto, vários estudos apontam que muitas destas crianças cegas desde o nascimento não conseguem se desenvolver de modo harmônico manifestando distúrbios freqüentemente semelhantes ao autismo em crianças videntes, entre outros. Parece que, nestes casos, a incapacidade visual do bebê afetou profundamente as capacidades de vínculo com as figuras de apego e este fato originou seqüelas importantes na evolução da criança. No outro extremo, bebês que conseguiram um nível de desenvolvimento adequado, mostraram vínculos saudáveis com a família, em especial com a mãe. Assim, a finalidade da presente pesquisa prende-se, por um lado, à compreensão do caminho percorrido por crianças que não contam com o auxílio do sentido da visão e, por outro, ao entendimento do papel dos primeiros vínculos tanto para os casos de saúde quanto para os casos em que a patologia e o sofrimento psíquico surgem.

Palavras-chave: Cegueira. Deficiência visual. Diferença. Holding. Handling.

RESUMÉ

Les réflexions au sujet de cette recherche ont commencés en ayant comme point de départ l'intérêt pour les questions autour des expériences les plus primitives qui sont à la base de la constitution de la subjectivité. On pense, en accord avec quelques auteurs, que les premières expériences d'un bébé sont très importantes pour la formation de son appareil psychique, principalement celles qui correspondent à l'ensemble des sensations dans lesquelles il est immergé. Mais alors, que se passe-t-il lorsque le bébé naît avec un handicap à l'appareil sensori-moteur, comme dans le cas des bébés qui naissent déjà aveugles? On sait que les personnes aveugles doivent trouver d'autres moyens d'établir des relations avec le monde des objets, des personnes et des choses qui les entourent, ce qui implique un processus de réorganisation perceptive dans lequel les stimuli fournis par l'environnement joueront un rôle clé. Toutefois, plusieurs études suggèrent que beaucoup de ces enfants aveugles depuis leur naissance ne peuvent pas se développer de manière harmonique et présentent souvent des troubles semblables, par exemple, à ceux de l'autisme chez les enfants qui sont capables de voir, parmi d'autres problèmes. Il semblerait que, dans ces cas, l'incapacité visuelle de l'enfant a affecté profondément les capacités de lien avec les figures d'attachement, conduisant, de fait, à des séquelles importantes dans le développement de l'enfant. À l'autre extrême, les bébés qui ont succédé à un niveau approprié de développement, ont montré des liens sains avec la famille, en particulier avec la mère. Ainsi, l'objectif dans cette recherche est, d'une part, la compréhension de la voie empruntée par les bébés qui n'ont pas l'aide du sens de la vision et, d'autre part, la compréhension du rôle des premiers liens non seulement pour les cas de santé mais aussi pour les cas où la pathologie et la détresse psychique apparaissent.

Mots-clés: Cecité. Déficience visuelle. Difference. Holding. Handling.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	QUE CORPO É ESSE?	14
1.1	Concepções médicas e educacionais da cegueira	15
1.2	Cegueira, imaginário popular e literatura	20
1.3	Corpo deficiente vs corpo diferente: uma breve análise sócio-cultural da questão da cegueira	27
1.4	Imagem corporal, esquema corporal ou corporeidade? Delimitando conceitos na abordagem das vivências corporais do cego congênito	45
2	O CONHECIMENTO ATRAVÉS DO CORPO	60
2.1	As contribuições de Vygotsky no campo da deficiência visual	63
2.2	Algumas considerações sobre aquisição do conhecimento e cegueira	72
2.2.1	<u>Aquisição de conceitos e cegueira</u>	78
2.2.1.	Breves considerações sobre o que se entende por conceito.....	78
1	Conceitos e cegueira congênita: o que a literatura especializada nos	
2.2.1.	conta.....	84
2	<u>A importância da linguagem</u>	95
	<u>As contribuições dos demais sentidos</u>	99
2.2.2	SOBRE O PERCURSO DA CRIANÇA CEGA CONGÊNITA	112
2.2.3	O desenvolvimento global da criança cega	112
3	<u>O desenvolvimento emocional na criança com cegueira congênita:</u>	
3.1	<u>difíceis começos</u>	122
3.1.1	<u>A construção da subjetividade na ausência da visão: novos olhares sobre a questão da cegueira a partir das reflexões de</u>	
3.1.2	<u>Winnicott</u>	136
	RUMO À DIFERENÇA: OS IMPASSES NO ENCONTRO COM A FAMÍLIA	155
4	Quando o inesperado acontece: reações face ao diagnóstico de cegueira e suas repercussões	155
4.1	Entre estimular e acolher: uma articulação necessária à	

	construção de laços saudáveis.....	168
4.2	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
	REFERÊNCIAS.....	178

INTRODUÇÃO

As questões acerca do tema da cegueira constituem matéria de interesse para várias áreas do conhecimento e instigam uma profusão de idéias e sentimentos desde os tempos mais remotos. João Ganzarolli Oliveira, professor de arte da UFRJ, chega mesmo a comentar que a cegueira, das muitas formas de deficiência que atingem o homem, é uma das mais temíveis (OLIVEIRA, 2002). Longe de pretender desqualificar as possibilidades de quem nasce cego, esta afirmativa aborda um sentimento comum de que a cegueira condena o sujeito à uma vida de infortúnios e à misericórdia alheia. A ausência de visão causa um estranhamento capaz de gerar condutas e sentimentos em posições tão extremas que dificultam a percepção daquilo que iguala o cego a todos nós, ou seja, seus anseios, seus temores, suas histórias e características singulares. De fato, o universo que compreende as questões relacionadas à cegueira se encontra distante da percepção de mundo que a maioria de nós possui, não por uma questão estatística, mas pela dificuldade em imaginar um modo tão diferente de viver e se relacionar.

A incursão nesta temática, nos remeteu a uma cena do passado, pertinente para ilustrar as reflexões que faremos adiante, no decurso desta pesquisa. Esta cena, a que nos referimos, se reporta aos idos de 1990, durante uma excursão a um pequeno país do norte de África, chamado Ceuta, em que um dos integrantes do grupo era uma jovem mulher, cega de nascença, na faixa dos 40 anos de idade. Sua alegria e jovialidade contrastavam em muito com o tom de admiração e surpresa daqueles que assistiam sua desenvoltura junto ao conjunto de turistas e a participação ativa em todas as atividades propostas. Mesmo adolescente, recordamo-nos do impacto que ela provocara e adjetivos como “forte”, “incrível”, “surpreendente” abundavam nos comentários sobre a sua insólita presença. Apesar disso, algumas interrogações reverberavam num eco silencioso em todos nós: como ela podia usufruir das paisagens sem ver? Que recordações teria da viagem na sua condição de cega? Que vivências teria daqueles dias? Certamente, seu estado de espírito parecia desafiar todas as concepções de deficiência visual que dispúnhamos. Só posteriormente conseguiríamos encontrar pistas para responder estas questões de modo mais apropriado.

Anos mais tarde, através do interesse pelas questões relacionadas aos

primórdios da subjetividade, reencontramo-nos, no âmbito desta pesquisa de doutorado, com a temática da cegueira. Sabemos que as vivências iniciais de um bebê marcam de forma indelével a constituição de seu psiquismo, incluindo aí, o conjunto de sensações no qual este se encontra imerso. A título ilustrativo, Frances Tustin (1975) nos dirá que os bebês vivem imersos num berço de sensações e que as mesmas são fundamentais, pois os conduzem, se tudo correr bem, rumo à aquisições simbólicas cada vez mais elaboradas. Bernard Golse (1999), importante psicanalista francês, considera que toda e qualquer limitação a este nível colocará em risco as capacidades da criança aceder ao mundo representacional. De fato, a visão, de todos os sentidos, é aquela a que mais atribuímos valor. A visão constitui um importante meio de apreensão da realidade e, como tal, sua ausência pode vir a se tornar um sério risco ao desenvolvimento harmonioso do indivíduo ainda em formação.

Tendo em vista todas estas considerações cabe, então, questionarmo-nos sobre a forma como todos os processos fundamentais às diferentes etapas do desenvolvimento, vão se desenrolar quando a criança apresenta alguma deficiência em seu aparato sensório-motor, como acontece com as crianças acometidas de cegueira congênita. De modo geral, as pessoas cegas precisam recorrer a formas alternativas para se relacionar com o mundo à volta, através de uma profunda reorganização perceptiva em que os estímulos proporcionados pelo ambiente vão desempenhar uma importante missão. Parece claro pensar que seu desenvolvimento sofrerá desvios em relação à trajetória comumente observada nas crianças videntes. De que modo, então, essas crianças adquirem a constância objetiva? Como se constrói a sua imagem corporal? Como se dá a formação de conceitos como tempo e espaço profundamente relacionando à visão? De que forma estas crianças passam da bidimensionalidade para a tridimensionalidade, necessária à construção de conceitos e abstrações? Todas estas interrogações serviram de base para a elaboração desta pesquisa que pretende, dentre outras coisas, pensar sobre a construção dessas subjetividades certamente marcadas em sua história por uma diferença significativa.

Segundo a OMS (LIANG, 2005) o indivíduo é considerado cego, quando a acuidade visual é inferior a 20/200 no melhor olho, após correção máxima. Além disso, a título de curiosidade, sabemos que no Brasil e nos países em desenvolvimento, a retinopatia da prematuridade, a catarata congênita e a

conjuntivite neonatorum, figuram entre as causas mais comuns de cegueira infantil pelas dificuldades de detecção precoce em lugares onde as condições de saúde muitas vezes deixam a desejar.

Cabe ressaltar que o caminho que as crianças cegas têm que percorrer é permeado de obstáculos, alguns deles de difícil transposição. Nesse sentido, o trajeto rumo à conquista de uma diferença que afirme as peculiaridades e descortine as potencialidades inerentes à cada uma nem sempre é fácil e muitas delas acabam por sucumbir à alguma forma de sofrimento físico ou psíquico. Assim, evidências apontam para o fato de que as crianças cegas congênitas têm maiores probabilidades de manifestar distúrbios e problemas desenvolvimentais diversos, alguns dos quais semelhantes ao autismo. Vários são os relatos de crianças que tiveram seus processos de amadurecimento bloqueados em idades bem precoces com conseqüências nefastas para a evolução de uma vida saudável. A este propósito, Amiralian (1997, p. 65) esclarece que:

O difícil percurso a ser realizado pelas crianças cegas de nascença pode ser uma explicação para o grande número de crianças que apresentam o quadro clínico da não diferenciação, semelhante ao das crianças autistas, com interrupção do desenvolvimento em níveis precoces, descrito pelos psicanalistas como de alta frequência entre as crianças cegas desde o nascimento. (AMIRALIAN, 1997, p. 65).

Vários estudos atribuem os distúrbios observados nesta população à falta do papel integrador da visão. No entanto, sem deixar de lado a importância do fator orgânico e suas particularidades, pensamos ser primordial considerar o impacto da chegada de um filho deficiente visual nas relações precoces e, conseqüentemente, os obstáculos que o meio encontra para se adaptar à esta nova realidade. Em muitos casos, a cegueira do bebê afeta profundamente as capacidades de maternagem (WINNICOTT, 1999) da mãe ou ambiente maternante, originando sequelas consideráveis para a evolução saudável dos processos de constituição psíquica. Portanto, acreditamos que a falta de visão, nos anos iniciais da vida, pode acarretar importantes conseqüências, não só pelas dificuldades maturacionais e desenvolvimentais que impõe à criança, mas também, pela conotação simbólica e social presente na questão do olhar, com reflexos bastante negativos para a construção dos laços iniciais. Desta feita, as questões relacionadas à cegueira causam um profundo impacto na vida de modo geral, não apenas para as crianças que têm a deficiência, mas, sobretudo, para o meio em que convivem.

Na literatura que consultamos, é bastante comum a referência aos sentimentos de desesperança, culpa, insegurança, entre os pais ou o meio provedor, os quais já se configuram, por si só, bastante incapacitantes para o bebê que depende absolutamente dos cuidados desse ambiente para sobreviver. Todas estas considerações ajudam-nos a compreender as dificuldades encontradas por algumas crianças cegas desde o nascimento para achar um caminho que as conduza no sentido de uma vida criativa e interessante.

Consideramos que a questão orgânica, imposta pela ausência visual, impõe uma marca na constituição destes indivíduos, com repercussões diversas em termos evolutivos, mas não pode ser considerada, por si só, a causa de grande parte dos distúrbios observados. Existem vários fatores que interferem na dinâmica das relações precoces, inviabilizando a instauração de vínculos saudáveis, o que pode prejudicar seriamente o nascimento desta subjetividade.

Em jeito de síntese, entre estes sujeitos, podem ser encontrados aqueles que se desenvolvem tão bem, que são capazes de atingir os mais altos níveis de desenvolvimento pessoal e profissional e outros, cujas dificuldades se ordenam em vários níveis, desde interrupções nas etapas mais arcaicas até pequenos atrasos em áreas específicas. Um dos pontos de consenso na literatura pesquisada consiste na importância atribuída ao papel decisivo desempenhado pela maternagem nos casos de crianças que mostram uma evolução satisfatória. Será fundamental que este entorno encontre meios de se relacionar com o seu bebê de modo a que ele consiga ultrapassar o sério entrave representado pela ausência da visão e se desenvolva rumo a uma existência que afirme a possibilidade de uma vida marcada pela diferença, criativa, singular e não por uma deficiência limitante e restritiva.

Assim sendo, este estudo pretende abordar algumas questões pertinentes ao entendimento destas formas de estar no mundo marcadas pela ausência da visão: a) como se constroem estas subjetividades afetadas por uma diferença tão fundamental; b) de que modo a cegueira afeta a construção de vínculos saudáveis dentro da família, especialmente com a mãe, dificultando a evolução saudável de algumas destas crianças.

Com o propósito de atender aos objetivos acima propostos, realizamos uma extensa pesquisa bibliográfica que nos possibilitou obter subsídios para algumas reflexões pertinentes. Deste modo, optamos por expor as informações e questões mais significativas em quatro capítulos distintos, os quais passaremos a mencionar

brevemente.

No primeiro capítulo procuramos entender como este corpo que nasce sem o auxílio da visão, se estrutura no mundo e, conseqüentemente, problematizar os vários discursos que se entrelaçam na sua constituição, tais como o médico, o educacional, o social, entre outros e, assim, ir buscando elementos para entender como se estruturam as vivências corporais do cego congênito.

A etapa seguinte tem por meta compreender como se processa o conhecimento na ausência de visão. Se afirmamos anteriormente que a criança cega de nascença pode se construir como uma singularidade, como uma entre tantas outras diferenças que compõe o mosaico de diversidades que existem no mundo, então, como se processa o seu modo de conhecer as pessoas e os objetos? Como se dá o seu acesso às idéias e coisas que evocam conceitos de ordem abstrata? Através destas questões buscamos elaborar um capítulo com elementos que nos mostram que a criança cega não está destinada a uma vida de segregação e menos valia, trazendo evidências de que, quando o seu amadurecimento se passa de um modo saudável, ela acessa o mundo de uma forma peculiar, através de uma reorganização perceptiva profunda, conforme já abordamos anteriormente.

O capítulo seguinte é destinado aos aspectos mais gerais do desenvolvimento da criança cega, suas vicissitudes, suas diferenças e os riscos associados à perda da visão nos primeiros anos de vida em seus mais diferentes aspectos.

Já no último capítulo faremos menção ao encontro da criança cega com seu meio familiar. Tendo em vista as considerações anteriormente elaboradas, pensamos que os aspectos que envolvem os primeiros contatos do bebê cego com o seu ambiente familiar são fundamentais para o desenvolvimento do mesmo e vão ditar os destinos deste ser ainda em vias de construção. Como abordamos, o impacto causado pela notícia de deficiência num filho pode gerar desencontros de conseqüências graves para todos envolvidos. Assim, as dificuldades que se estabelecem desde cedo entre mãe-bebê parecem constituir sérios entraves ao bom andamento do desenvolvimento destas crianças, por não conseguirem ajudá-las a encontrar modos de estar na vida pautados, sobretudo, pela diferença e não pelo viés da falta ou da deficiência. Consideramos, então, importante, levantar indícios de quando estas relações precoces começam a apresentar problemas com a finalidade de conceitualizar uma clínica preventiva preocupada em recuperar laços afetivos e,

portanto formas saudáveis de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, P. A. C. M. *A cegueira e a visão do pensamento*. 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

AMIRALIAM, M. L. T. M. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. A construção do eu nas crianças cegas congênitas. *Natureza Humana*, v. 9, n. 1, 2007.

_____. *Psicologia do excepcional*. São Paulo: EPU, 1986.

_____; PINTO, E. B.; GHIRARDI, M. I. Conceituando a deficiência. *Revista de Saúde Pública*, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000.

ANDERSON, E. D. Mental imagery in congenitally blind children. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 78, n. 5, p. 206-210, 1984.

_____; OLSON, D. Word meaning among congenitally blind children. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 74, n. 4, p. 165-168, 1981.

ANZIEU, D. *O pensar: do eu-pele ao eu-pensante*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ARISTÓTELES. *De anima III*. Lisboa: Edições 70, 2001 apud OLIVEIRA, J. G. *Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

AULAGNIER, P. O nascimento de um corpo, origem de uma história. In: McDOUGALL, G.; GACHELIN, G.; AULAGNIER, P.; MARTY, P.; LORIOD, J.; CAIN, J. *Corpo e história*. IV Encontro Psicanalítico D'Aix-Én-Provence, 1985.

BAQUERO, R. *Vygotsky e a aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BATESON, M. C. Mother-infant exchanges: The epigenesis of conversational interaction. *Annals of the New York Academy of Science*, v. 263, p. 101-113, 1975 apud ROWLAND, C. Preverbal communication of blind infants and their mothers. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 15, n. 3, 1984.

BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, 2005.

BAVCAR, E. O corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

_____. *Memórias do Brasil*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003b.

BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: _____; FREIRE, I. M. (Org.). *Um olhar sobre a diferença*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____; DA ROS, S. Z.; DEITOS, T. P. As novas tecnologias, a cegueira e o processo de compensação social em Vygotsky. *Ponto de Vista*, v. 2, n. 2, p. 41-47, 2000.

_____; FREIRE, I. M. (Org.). *Um olhar sobre a diferença*. Campinas: Papyrus, 1998.

BIGELOW, A. The development of reaching in blind children. *British Journal of Developmental Psychology*, v. 4, p. 355-366, 1986 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

_____. Locomotion and search behavior in blind infants. *Infant Behavior and Development*, v.15, p. 179-189, 1992 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BLANK, H. R. Dreams of the blind. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 27, p. 158-175, 1958 apud AMIRALIAM, M. L. T. M. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. Psychoanalysis and blindness. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 26, p. 1-24, 1957 apud AMIRALIAM, M. L. T. M. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BOLLAS, C. *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BOUAKKAZ, H. Um argument de marketing comme un autre. In: GARDOU, C. *Le handicap pour ceux qui le vivent*. Toulouse: Éres, 2009.

BOWLBY, J. *Attachement*. Harmondsworth: Penguin Books, 1971 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

BRITO, P. R.; VEITZMAN, S. Causas da cegueira e baixa visão em crianças. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, v. 63, n. 1, 2000.

BURLINGHAM, D. Some notes of the development of the blind. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 16, p. 121-145, 1961.

_____. Some problems of ego development in blind children. *Psychoanalytical Study of the Child*, v.20, p. 194-208, 1965.

_____. Special problems of blind infants: blind baby profile. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 30, p. 3-14, 1975.

CAMUS, J. F. *La psychologie cognitive de l'attention*. Paris: A. Colin, 2002.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

CANTAVELLA, A. La primera relación. In: LEONHARDT, M. *La intervención en los primeros años de vida del niño ciego y con baja vision: um enfoque desde la atención temprana*. Barcelona: ONCE, 2002 apud ORMELEZI, E. M. *Inclusão educacional e escolar da criança cega congênita com problemas na constituição subjetiva e no desenvolvimento global: uma leitura psicanalítica de um estudo de caso*. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CASTORINA, J. A. Piaget e Vygotsky: novos argumentos para uma controvérsia. *Cadernos de Pesquisa*, n.5, p.160-183, 1998.

CAVALCANTE, F. G. *Pessoas muito especiais: a construção social do portador de deficiência e reinvenção da família*. 2002. 215 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.

CHIRPAZ, F. *Le corps*. Paris: Presses Universitaires, 1969.

CLAPTON, J., FITZGERALD, J. *The history of disability: a history of otherness*. Disponível em: <<http://www.ru.org/artother.html>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

CONSELHO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA. *Programa 2020: o direito à visão*. Disponível em: <http://www.cbo.com.br/site/noticia.php?id_noticia=42>. Acesso em: 15 jun. 2008.

CORNOLDI, C.; VECCHI, T. Cécité précoce et images mentales spatiales. In: HATWELL, Y.; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

CRAMER, B., PALACIO-ESPASA, F. *Técnicas psicoterápicas mãe-bebê: estudos clínicos e técnicos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CUNHA, M. F. C. *A expressão corporal e o deficiente visual*. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2004_Artigo_2.rtf>. Acesso em: 05 maio 2008.

CUTSFORTH, T. D. *Personality and social adjustment among the blind*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1950 apud HALL, A. Mental images and cognitive development of the congenitally blind. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 50, n. 3, p. 281-285, 1981.

DAVIDSON, P. W. Haptic judgement of curvature by blind and sighted humans. *Journal of Experimental Psychology*, v. 93, p. 43-55, 1972 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

DEMINGEON-PESSONNEAUX, S. *Incidence de la déficience visuelle sur l'interaction mère-enfant*. 2004. Thèse (Doctorat) – Université Lyon II, Lyon, 2004.

_____; BROSSARD, A.; PORTALIER, S. Influence du handicap dans la relation mère-enfant déficient visual. *Devenir*, v. 19, n. 1, p. 35-46, 2007.

DIDEROT, D. *Carta aos cegos para uso dos que vêem*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DOIN, C. Espelho e pessoa. In: MELO FILHO, J. (Org.). *O ser e o viver*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DOKECKI, P. C. *Verbalism and the blind: a critical review of the concept and the literature*. Exceptional children. Unpublished doctoral dissertation. New York: City University of New York, 1977 apud HALL, A. Mental images and cognitive development of the congenitally blind. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 50, n. 3, p. 281-285, 1981.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____.; NASIO, J. D. *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ERICKSON, E. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976 apud DOIN, C. Espelho e pessoa. In: MELO FILHO, J. (Org.). *O ser e o viver*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FADDEN, M. J. M. *Psicanálise e psicossomática*. Campinas: Alínea, 2000.

FARIA, M. C. C. *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975 apud BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, 2005.

FONTES, I. O corpo na metapsicologia. *Revista de Psicologia Clínica*, v. 12, n. 1, p. 75-83, 2000.

_____. *Memória corporal e transferência: fundamentos para uma psicanálise do sensível*. São Paulo: Via Lettera, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOULK, E. A multi-sensory test of conceptual ability. *New Outlook for the Blind*, v. 58, p. 45-77, 1964 apud HALL, A. Mental images and cognitive development of the congenitally blind. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 50, n. 3, p. 281-285, 1981.

FRAIBERG, S. *Insights from the blind*. London: Souvenir Press, 1977.

_____. Parallel and divergent patterns in blind and sighted infants. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 23, p. 264-299, 1968.

_____. Separation crises in two blind children. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 26, p. 355-371, 1971.

_____; ADELSON, E. Self-representation in language and play: observations of blind children. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 26, p. 310-340, 1975.

_____; FREEDMAN, D. A. Studies of the ego development of the congenitally blind Chile. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 19, p. 113-169, 1964.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. S. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. *Revista Benjamin Constant / MEC*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 30, 2005.

FREITAS, G. G. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.

FREUD, S. O ego e o id. *Edição standard das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 7.

GALIANO, A. R.; PORTALIER, S. Les fonctions du langage chez la personne aveugle. Meta-analyse de la relation entre connaissance et langage. *L'Année Psychologique*, v. 109, p. 1-31, 2009.

GENICOT, N. La deficiência visual. In: RONDAL, J. A.; COMBAIN, A. (Org.). *Manuel de psychologie des handicaps: semiologie et principes de remediation*. Sprimont, Belgique: Mardaga, 2001.

GENTAZ, E. Caractéristiques générales de l'organisation anatomo-fonctionnelle de la perception cutanée et haptique. In: HATWELL, Y.; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

_____. *La main, le cerveau et le toucher*. Paris: Dunod, 2009.

_____; HATWELL, Y. Le traitement haptique des propriétés spatiales et matérielles des objects. In: HATWELL, Y.; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

GIBSON, J. J. *The ecological approach of visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979 apud HATWELL, Y.; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

GIL, J. *Movimento total*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

GOFFMAN, E. *Stigmaté: les usages sociaux des handicaps*. Paris: Minuit, 1975.

GOLDENSTEIN, R. Z. O objeto transicional de Winnicott: uma categoria objetal na teoria e na clínica? In: OUTEIRAL, J.; ABADI, S. (Org.). *Donald Winnicott na América Latina: teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

GOLSE, B. *Du corps à la pensée*. Paris: Presses Universitaires, 1999.

_____. *Sobre psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GORMAN, W. *Body image and the image of the brain*. St. Louis: W. H. Green, 1965 apud FREITAS, G. G. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.

GURFINKEL, D. Notas a partir do pensamento de Winnicott. In: VOLICH, R. M. et al. (Org.). *Psicossoma II: psicossomática psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

HAAG, G. De la naissance phsistique à la naissance psychologique: l'aventure de naître. *Le Lezard, payes d'enfance*, v. 4, p. 211-223, 1989.

_____. *La mère et le bébé: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HADDAD, M. A. O. et al. *Avaliação e recursos para baixa visão na infância*. São Paulo: Laramara, 2001 apud ORMELEZI, E. M. *Inclusão educacional e escolar da criança cega congênita com problemas na constituição subjetiva e no desenvolvimento global: uma leitura psicanalítica de um estudo de caso*. 2006. 412 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HALL, A. Mental images and cognitive development of the congenitally blind. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 50, n. 3, p. 281-285, 1981.

HAMONET, C. *Les personnes handicapées*. Paris: PUF, 1990.

HARLEY, R. K. Verbalism among blind children. *American Foundation for the Blind*, v. 8, p. 15-23, 1969 apud HALL, A. Mental images and cognitive development of the congenitally blind. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 50, n. 3, p. 281-285, 1981.

HATWELL, Y. Appréhender l'espace pour un enfant aveugle. *Enfance et PSY*, n. 33, p. 5-35, 2006.

_____. Le developpement perceptive-moteur de l'enfant aveugle. *Enfance*, v. 55, 2003a.

_____. *Psychologie cognitive de la cécité precoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

_____; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

HELLER, M.; BALESTREROS, S. *Touch and blindness*. New Jersey: Erlbaum, 2006.

HERMELIN, N.; O'CONNOR, N. Location and distance estimates by blind and sighted children. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v. 27, p. 295-301, 1975 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité precoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

JANSON, U. Normal and deviant behavior in blind children with ROP. *Acta Ophthalmologica*, v. 210, p. 20-66, 1993.

JERNINGAN, K. *Is literature against us?* Palestra proferida no evento National Federation of Blind Annual Convention, 1974.

JERUSALINSKY, J. Quando o que se antecipa é o fracasso...: prevenção secundária e estimulação precoce. In: CAMAROTTI, M. C. (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

JONIDES, J.; KHAN, R.; ROZIN, P. Imagery instructions improve memory in blind subjects. *Bulletin of the Psychonomics Society*, v. 5, p. 424-426, 1975.

JULIEN, N. *Minidicionário compacto de mitologia*. São Paulo: Rideel, 2002.

KARA-JOSÉ, N. et al. Causas da deficiência visual em crianças. *Boletim of Sanitary Panama*, v. 97, n. 5, p. 405-412, 1994.

KASTRUP, V. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Revista*, v. 13, n. 1, p. 127-133, 2007.

KATZ, D. *The world of touch*. New Jersey: Erlbaum, 1989 apud GENTAZ, E. Caracteristics générales de l'organisation anatomo-fonctionnelle de la perception cutanée et haptique. In: HATWELL, Y.; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

KELLER, H. *A história da minha vida*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

KENT, D. Schackled imagination: literary ilusions about blindness. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 13, p. 145-150, 1989.

KIRK, S. *Educating exceptional children*. Boston: Houghton Mifflin, 1972.

_____; GALLAGHER, J. J. *Educação da criança excepcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KLATZKY, R. L. et al. Performances of blind and sighted persons on spatial tasks. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 89, p. 70-82, 1995 apud GENTAZ, E.; HATWELL, Y. Le traitement haptique des propriétés spatiales et matérielles des objects. In: HATWELL, Y.; STRERI, A.; GENTAZ, E. (Org.). *Toucher pour connaître*. Paris: PUF, 2000.

KOCK, T. Disability and difference: balancing social and psysical constructions. *Journal Medical Ethics*, v. 27, p. 370-376, 2001.

KORFF-SAUSSE, S. *Le miroir brisé: le handicapé, sa famille et le psychanalyste*. Paris: Hachette Littératures, 2009.

KOZULIN, A. *La psicología de Vygotsky*. Madrid: Alianza, 1999.

KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

KUBLER-ROSS, E. *Sur la morte et le mourrir*. Paris: Le Courrier du Livre, 2000 apud DEMINGEON-PESSONNEAUX, S. Incidence de la déficience visuelle sur l'interaction mere-enfant. 2004. 250 f. Thèse (Doctorát) – Université Lyon II, Lyon, 2004.

LAIRY, G. C., COVELLO, A. El niño ciego y sus padres. *Interpretation*, v. 5, n. 2-3, p. 157-186, 1971.

LAMBERT, S. *Étude de l'imagerie mentale chez les sujets aveugles de naissance: quelle réalité?: une approche anatomo-fonctionnelle et comportementale*. Communication orale au Colloque: Sujet, Education, Travail. Strasbourg, 2001 apud GALIANO, A. R.; PORTALIER, S. Les fonctions du langage chez la personne aveugle. Meta-analyse de la relation entre connaissance et langage. *L'année Psychologique*, v. 109, p. 1-31, 2009.

_____. *Modéle du mind's hand: contribution anatomo-fonctionnelle et comportementale à l'étude du lien entre l'image mentale et la perception dans le handicap visual*. 2003. 303 f. Thèse (Doctorát) - Université Claude Bernard, Lyon I, 2003 apud GALIANO, A. R.; PORTALIER, S. Les fonctions du langage chez la personne aveugle: meta-analyse de la relation entre connaissance et langage. *L'Année Psychologique*, v. 109, p. 1-31, 2009.

LAPLANCHE, J.; E PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LATOUR, B. *How to talk about the body?: the normative dimension of science studies*. Disponível em: <<http://bruno-latour.fr/articles/article/77-body20%normative.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

LAVALLÉE, G. El circuito (boucle) continente y subjetivaste de la vision (su ruptura em los estados psicóticos). In: ANZIEU, D. *Los continentes de pensamiento*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1998.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LEME, M. E. S. *Investigação de conceitos em cegos congênitos*. 1998. Monografia (Especialização) – Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação, Unicamp, Campinas, 1998.

LEONHARDT, M. *La intervención em los primeros años de vida del niño ciego y com baja vision: um enfoque desde la atención temprana*. Barcelona: ONCE, 2002 apud ORMELEZI, E. M. *Inclusão educacional e escolar da criança cega congênita com problemas na constituição subjetiva e no desenvolvimento global: uma leitura psicanalítica de um estudo de caso*. 2006. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LESSA, O. As cores. In: MORICONI, I. (Org.). *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 apud NOBRE, L. *Personagens cegas na literatura brasileira: reflexões contemporâneas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

LEWIS, M.; ROSEMBLUM, L. *The effect of the infant on its caregiver*. New York: J. Wiley, 1974 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

LEWIS, V. *Development and disability*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. et al. The consequences of visual impairment for children's symbolic and functional play. *British Journal of Developmental Psychology*, v. 18, p. 449-464, 2000.

_____.; NORGATE, S.; COLLIS, G. Les capacities de représentation d'un enfant aveugle congénital entre un et sept ans. *Enfance*, v. 54, p. 291-307, 2002.

LIANG, L. Estratégias para a prevenção da cegueira infantil. *Universo Visual*, n. 19, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.universovisual.com.br>>. Acesso em 15 jul. 2009.

LISSINA, M. Problem ontogeneza obsscnija. Moscou: Obsscnija Pedagogika, 1986 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

LOMÔNACO, J. F. B. et al. Do característico ao definidor: um estudo exploratório sobre o desenvolvimento de conceitos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 12, p. 51-60, 1996 apud BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, 2005.

_____. et al. O desenvolvimento de conceitos: o paradigma das transformações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 1, p. 4-20, 2001.

LOWENFELD, B. Psychological considerations. In: LOWENFELD, B. (Org.). *The visually handicapped child in school*. New York: J. Day, 1973.

MAHLER, M. *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MARMOR, G. S. Age at onset of blindness and the development of the semantics of color names. *Journal of Experimental Child Psychology*, v. 25, 1978 apud HALL, A. Mental images and cognitive development of the congenitally blind. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 50, n. 3, p. 281-285, 1981.

MASINI, E. *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. 1990. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

McCLUSIE, K. C. et al. The role of vision in the development of abstraction ability. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 92, n. 3, p. 189-199, 1998.

McDOUGALL, J. *Teatros do corpo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

McGINNIS, A. Functional linguistic strategies of blind children. *Visual Impairment and Blindness*, v. 33, p. 210-214, 1981.

McLINDEN, D. J. Spatial task performance: a meta-analysis. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 82, 1988 apud HATWELL, Y. Appréhender l'espace pour un enfant aveugle. *Enfance et PSY*, n. 33, p. 5-35, 2006.

MEDIN, D. L.; SMITH, E. E. Concepts and concept formation. *Annual Review of Psychology*, v. 35, p. 115-131, 1984 apud BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, 2005.

MELO FILHO, J. (Org.). *O ser e o viver*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MILLAR, S. Spatial memory by blind and sighted children. *British Journal of Psychology*, v. 66, p. 47-60, 1975 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003a.

MONTANARI, P. M. Jovens e deficiência: comportamentos e corpos desviantes. *Cadernos, Juventude, Saúde e Desenvolvimento*, v. 1, p. 31-49, 1999.

MORAES, M. Cegueira e cognição: sobre o corpo e suas redes. *Revista Antropologia Iberoamericana*, v. 5, p. 5-25, 2005.

_____; MANSO, C. C.; MONTEIRO, A. C. L. Afetar e ser afetado: corpo e cognição entre deficientes visuais. *Universitas Psychologica*, v. 8, n. 3, p. 13-27, 2009.

MORRONGIELO, B. A. et al. Tactual object exploration and recognition in blind and sighted children. *Perception*, v. 23, p. 214-233, 1994 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

MURPHY, G. L.; MEDIN, D. L. The role of theories in conceptual coherence. *Psychological Review*, v. 92, n.3, p. 42-65, 1985 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

NAGERA, H.; COLONNA, B. Aspects of the contribution of sight to ego and drive development. *Psychoanalytical Studies of the Child*, v. 16, p. 352-404, 1961.

NOBRE, L. *Personagens cegas na literatura brasileira: reflexões contemporâneas*. 2009. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

NOBRE, M. I. R. S.; MONTILHA, R. C. I.; TEMPORINI, E. R. Mães de crianças com deficiência visual: percepções, conduta e contribuições do atendimento em grupo. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 18, n. 1, p. 46-52, 2008.

NOLIN, C. Y.; MORRIS, J. E. Further results in the development of a test of roughness discrimination. *International Journal for the Education of the Blind*, v. 10, p. 48-50, 1960 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

NUREMBERG, A. contribuições de Vygotsky para a educação de pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, 2008.

OCHAITA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In: COLL, C.; PALLCIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas e aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

OLIVEIRA, J. G. *Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

OLIVEIRA, M. B.; OLIVEIRA, M. K. (Org.). *Investigações cognitivas: conceitos, linguagem e cultura*. Porto Alegre: Artmed, 1999 apud BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n.1, p. 143-155, 2005.

OLIVEIRA, M. K. et al. *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.

OLIVER, M. *Theories of disability in health practice and research*. Disponível em: <<http://bmj.com/cgi/content/full/317/7170/1446>>. Acesso em: 3 mar. 2009.

ORMELEZI, E. M. *Os caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira: do universo do corpo ao universo simbólico*. 2000. 273 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Inclusão educacional e escolar da criança cega congênita com problemas na constituição subjetiva e no desenvolvimento global: uma leitura psicanalítica de um estudo de caso*. 2006. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PASCUAL-LEONE, A. et al. The role of visual cortex in tactile form: evidence from functional neuroimaging. In: HELLER, M.; BALLESTEROS, S. (Ed.). *Touch and blindness: psychology and neuroscience*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2006.

PAULSEN, S. Entre a luz e a escuridão. *Revista Geo*, São Paulo, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistageo.uol.com.br/cultura-expedicoes/1/artigo127045-5.asp>>. Acesso em: 05 ago. 2009.

PAVIO, A. *Imagery and verbal process*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1971 apud GALIANO, A. R.; PORTALIER, S. Les fonctions du langage chez la personne aveugle: meta-analyse de la relation entre connaissance et langage. *L'Année Psychologique*, v.109, p. 1-31, 2009.

PEREIRA, R. O. *Anatomia da diferença*. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

PÉREZ-PEREIRA, M.; CASTRO, J. Language acquisition and the compensation of the visual déficit: new comparative data on controversial topic. *British Journal of Developmental Psychology*, v. 15, p. 439-459, 1997.

PORTO, E. *A corporeidade do cego: novos olhares*. São Paulo: Unimej, 2005.

PRECHTL et al. Role of vision on early motor development: lessons from the blind. *Developmental Medicine and Child Neurology*, v.43, p.198-201, 2001 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

RODER, B. et al. Improved auditory spatial timing in blind humans. *Nature*, v.400, p.162-166, 1999 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

RODRIGUES, M. R. C. Estimulação precoce: a contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita. *Revista Benjamin Constant*, v. 8, n. 21, p. 15-23, 2002.

ROMANO, H. *La cécité et ses représentations*. Paris: Champs Social, 2006.

ROWLAND, C. Preverbal communication of blind infants and their mothers. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 78, n. 7, Sept. 1984.

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Musicophilia: tales of music and the brain*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

SAMPAIO, E.; BRIL, B., BRENIERE, Y. La vision est-elle nécessaire pour apprendre à marcher? *Psychologie Française*, v. 34, n. 1, p. 20-35, 1989.

SANDLER, A. M. Aspects of passivity and ego development in blind infant. *Psychoanalytic Study of the Child*, v. 30, p. 3-14, 1963 apud AMIRALIAM, M. L. T. M. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SANTIN, S.; SIMONS, J. Problems in the construction of reality in congenitally blind children. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 71, p. 425-429, 1977.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHAEFFER, H. *The growth of sociability*. Harmondsworth: Penguin Books, 1971 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

SCHNEEKLOTH, H. Play environments for visually impaired children. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, v. 83, p.196-201, 1989 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

SIAULYS, M. *E agora? Eu tenho um bebê no berço*. Disponível em: <<http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=1499>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

SILVA, N. L. P., DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 2, 2001.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

STAMBACK, M. et al. *Les bébés entre eux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

STELLWAGON, W. T.; CULBERT, T. T. Comparison of blind and sighted subjects in the discrimination of the texture. *Perceptual and Motor Skills*, v. 17, p. 61-62, 1963 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

SUASSUNA, A. M. V. A influência do diagnóstico pré-natal na formação de possíveis psicopatologias do laço pais-bebê. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campinas, 2008.

SYNNOT, A. *The body social: symbolism, self and society*. New York: Routledge, 2001.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. *O indivíduo excepcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

THEORET, H. et al. Behavioral and neuroplastic changes in the blind: evidence for functionally relevant cross-modal interactions. *Journal of Physiology*, n. 98, p. 221-233, 2004.

THOMPSON, L.; CHRONICLE, E.; COLLINS, A. Enhancing 2-D tactile picture design from knowledge of 3-D haptic object recognition. *European Psychologist*, v. 11, p. 110-118, 2006 apud GENTAZ, E. *La main, le cerveau et le toucher*. Paris: Dunod, 2009.

TRONICK, E. *Social interchange in infancy*. Baltimore: University Park Press, 1982 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

TROSTER, M. J.; BRAMBRING, M. Early motor development in blind infants. *Journal of Applied Psychology*, v. 4, p. 355-366, 1986 apud HATWELL, Y. *Psychologie cognitive de la cécité précoce*. Grenoble: Dunod, 2003b.

TUSTIN, F. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

VARELA, F; THOMPSON, E; ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge: MIT Press, 1991.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 apud NUREMBERG, A. Contribuições de Vygotsky para a educação de pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, 2008.

_____. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. El niño ciego. In: VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas V: fundamentos de defectología*. Madrid: Visor, 1997.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WARREN, D. *Blindness and early childhood*. New York: American Foundation for the Blind, 1994.

WATILLON-NAVEAU, A. Comment réellement voir et pas simplement regarder? *Cahiers de Psychologie Clinique*, v. 1, n. 20 p. 31-56, 2003. Disponível em: <http://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=CPC_020_0031>. Acesso em: 24 jun. 2005.

WILLS, D. M. Vulnerable periods in the early development of blind children. *Psychoanalytical Study of the Child*, v. 25, p. 461-480, 1970.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The International Classification of Diseases.
Disponível em: <<http://www.who.int/classifications/icd/en>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

ZAPOROÇEC, A.; LISSINA, M. *Razvite obsçenija u doskol'nikov*. Moscou:
Pedagogika, 1974 apud IVIC, I. Lev. Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle
d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p. 793-820, 1994.

ZAZZO, R. *L'attachement*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1974 apud IVIC, I. Lev.
Vygotsky. *Perspectives: Revue Trimestrielle d'Éducation Comparée*, v. 24, n. 3, p.
793-820, 1994.